

SANTOS, Gisele Feitoza dos ¹
gifeitosa37@hotmail.com

LEAL, LUCIMARI²

lucimaryleal@outlook.com

MATSUBAYASHI, ELIZA TOMIKO³
elizaleff@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho destina-se a pesquisar a opinião dos profissionais do Centro Educacional de Deficiência Auditiva (CEEDA) sobre a inclusão de seus alunos com deficiências visuais. O método de investigação foi descritivo com estudo de caso, tendo como técnica as observações, e instrumentos entrevistas e questionários, visando observar as opiniões dos alunos, professores e coordenadora da instituição CEEDA. Por meio do estudo busca-se observar se a Instituição está desempenhando seu papel com planejamentos e objetivos definidos que viabilizem a educação do aluno deficiente visual de forma a contemplar o desenvolvimento pleno de cidadãos. Foi possível constatar que a Instituição e seus professores estão preocupados em oferecer educação de qualidade e igualitária a todos os alunos, buscando formação a fim de se promover a educação inclusiva. Por meio do Método Perdoncini (1983), busca desenvolver a percepção visual que ocorre de acordo com a necessidade individual de cada aluno e com a escrita do Braille é possível promover o aprendizado da linguagem oral e escrita do aluno deficiente visual nas salas de aulas de ensino regular. Enfatiza-se a importância do ensino de Braille e com o auxílio de profissionais especializados e recursos específicos, a educação torna-se mais fácil e eficaz tanto para o aluno com deficiência visual quanto para o professor. Assim, a busca por formação e materiais diversificados deve ser intensa e dinâmica para a educação chegar a todos com qualidade de forma igualitária.

Palavras-chave: Braille. Educação especial. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva é considerada um novo paradigma educacional, ou seja, a maneira com que o professor aborda tais conteúdos vai causar impacto no aluno, muitas vezes determinando se ele vai aprender ou não aprender. O modelo inclusivo tem por base a percepção de direitos humanos em que os princípios de igualdade, de oportunidades e a valorização da diferença são combinados para que todas as crianças, jovens e adultos possam

¹ Graduação: Pedagogia e pós-graduação em Educação Especial e Processos Inclusivos.
<gifeitosa37@hotmail.com>

² Graduação: História e pós-graduação em Educação Especial e Processos Inclusivos.
<lucimaryleal@outlook.com>

³ Graduação: Pedagogia e pós-graduação em Educação Especial e Processos Inclusivos.
<elizaleff@hotmail.com>

estar incluídos no sistema educacional. Para que todos os alunos recebam uma educação de qualidade, isentos de preconceitos e estereótipos de qualquer natureza o sistema educacional precisa ser repensado.

Segundo a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação - SEESP/MEC (BRASIL, 2004), a escola inclusiva cria um espaço para a construção de cidadania, pois sensibiliza os alunos para uma convivência baseada no respeito às diferenças e na solidariedade; a SEESP valoriza a formação de cidadãos críticos, capazes de analisar a sociedade e se posicionar contra todas as formas de opressão e violência.

A literatura é representação do real, por meio dela pode-se refletir sobre contradições, mazelas e conflitos que englobam o mundo dos homens e a forma de atuação destes no mesmo. A educação pode estabelecer relações significativas com a literatura, principalmente porque ela está relacionada ao mundo da formação humana. Tanto a educação quanto a literatura constituem-se instrumentos fundamentais para a formação humanizadora, visto que possibilitam a transformação da consciência dos homens, nas formas como estes agem, vivem e pensam o mundo em que vivem. Educar é, sobretudo, despertar consciência dos sujeitos para a condição humana, é refletir sobre a vida em suas múltiplas realidades rejeitando qualquer atitude desumana.

Na contemporaneidade, observa-se que há um grande descompasso entre o mundo do progresso e a convivência humana, nos dando a sensação de que se desaprendeu a conviver com os outros. Um dos grandes desafios da educação no século XXI diz respeito à questão do aprendizado da tolerância e da convivência como humano em sociedade.

É impressionante como em nosso tempo somos contraditórios... chegamos em um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza... no entanto, a irracionalidade do comportamento também é máxima, servida pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios de racionalidade. Portanto, os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. Nessa época é profundamente bárbara embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo modelo de civilização. (CÂNDIDO, 1989, p. 107).

As relações entre os seres humanos na sociedade atual se apresentam praticamente como relações de trocas em que tudo se submete a leis de consumo, resultando na perda do lado humano e coisificando, inclusive, valores e princípios éticos que, até então, eram vistos como inegociáveis por toda a sociedade. Entretanto, não se pode falar em humanização sem que se reflita sobre as condições presentes na realidade.

O artigo apresenta a percepção da educação inclusiva, focando, de modo mais específico na deficiência visual, pois se sabe que essa é uma condição limitante para muitos cidadãos em todo o mundo, embora a Constituição Brasileira (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei n. 9.394/96) garantam aos portadores de necessidades

especiais o aprendizado e todos os direitos de cidadão comum, visando eliminar todas as formas de discriminação contra pessoas portadoras de deficiências.

Quando se pensa em cegueira, algumas indagações são comuns: como é a vida cotidiana sem a visão? O que o cego é capaz de fazer? Que tipo de vida pode levar? Como ele é capaz de aprender? Tais indagações são analisadas e, a partir desta análise, a situação do cego na vida escolar é discutida.

Segundo Amiralian (1997), a primeira preocupação com a cegueira foi a da medicina, que a percebia como uma consequência de doenças e buscavam minimizar essa deficiência com o objetivo de tornar a pessoa normal novamente. Os médicos se interessavam sobre quanto uma pessoa com deficiência visual era capaz de ver, o que levou à definição de medidas para avaliar a capacidade visual.

Assim, a partir de 1970, o diagnóstico de deficiência visual deixou de considerar apenas a seriedade visual para avaliar as formas de percepção do sujeito: se ele percebe o mundo por meio do tato, olfato e cinestesia etc., é considerado cego; se, no entanto, tiver limitações da visão, mas ainda assim conseguir utilizar-se do resíduo visual de forma satisfatória, então, seu diagnóstico é de baixa visão. Tal concepção permite a indicação de auxílios ópticos (óculos, lentes de aumento específicas, lupas etc.); concessão de benefícios sociais e medidas educacionais (como o uso do código Braille ou letra comum).

Os cegos que perdem a visão a partir dos cinco anos são considerados cegos adventícios ou adquiridos. Os casos de cegueira anterior a essa idade são chamados de cegueira congênita. A delimitação da idade de cinco anos para o diagnóstico de cegueira adquirida é fruto de pesquisas que não identificaram memória visual em cegos que perderam a visão antes dessa idade.

A autora Amiralian (1997) afirma que quanto mais cedo ocorre a perda da visão, mais essa condição influencia o desenvolvimento do sujeito e, quanto mais tarde a cegueira se apresenta, mais as características de personalidade anteriores à perda têm peso maior na formação do indivíduo.

A visão que o cego tem do mundo é de uma riqueza única, incomparável e deve passar a ser vista como uma apreensão integral da realidade, não uma carência de visão, não uma castração de um órgão, mas a existência suficiente de um ser humano completo. (Monte Alegre, 2003, p.12).

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o cotidiano escolar do aluno com deficiência visual que frequenta o CEEDA, considerando os preconceitos e atitudes dos mesmos. E deste provém os seguintes objetivos específicos: I) observar o dia a dia dos alunos dentro da instituição; II) analisar como os alunos com deficiência visual interagem com os

professores e colegas; III) perceber as atitudes dos professores quanto aos alunos com deficiência visual e a opinião deles a respeito da inclusão; IV) analisar a qualidade do trabalho inclusivo oferecido pelo CEEDA; V) observar se há preconceito em relação aos alunos com deficiência visual e como eles se manifestam diante disso; VI) investigar se os alunos que frequentam o CEEDA possuem outro vínculo ligado à educação regular e VII) questionar se os professores recebem a formação especializada para atender os alunos.

O artigo prosseguirá com fundamentação teórica que justificará as leis da educação inclusiva de alunos com deficiência visual. Em seguida, abordará os materiais e métodos utilizados para iniciar a pesquisa, logo após apresentará os resultados e discussão e por fim as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para facilitar a interação com os alunos deficientes visuais é necessário adaptar o material impresso em material especializado. Segundo Pinheiro e Bonadim (2010), a conversão do livro didático em áudio (*audiobook*) e adaptação das imagens em linguagem sensível ao toque auxilia no processo de aprendizagem. As Tecnologias da Informação e Comunicações (TICs) ampliam substancialmente o universo dos alunos com deficiência, facilitando seus relacionamentos interpessoais e até servindo de estímulo, pois, como se sabe, muitos estudantes são desmotivados frequentemente pela sociedade que confunde deficiência com ineficiência.

De acordo com Lima (2010), os dados oficiais da Organização Mundial da Saúde (ONS) de 1997 é de 10% o percentual da população mundial com algum tipo de deficiência; e destes 1% refere-se à deficiência visual. Os dados do censo brasileiro Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000). Neri et al. (2003) apontam um crescimento da população com deficiência visual. O número de pessoas com deficiência visual é crescente em países com grandes desigualdades sociais e, no Brasil, aumenta nas regiões mais pobres.

A Lei Federal 7.853/89 dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiências, sua integração social, assegurando o pleno exercício de seus direitos individuais e sociais, sendo esta lei regulamentada pelo Decreto 3.298/99, que dispõe em seu Art. 24, § 1º que a inclusão é um processo educacional em conjunto com uma proposta pedagógica que visa recursos e serviços educacionais especiais, organizados para apoiar, complementar, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promovendo e ampliando as potencialidades dos alunos que apresentam necessidades

especiais em todos os níveis da educação.

Segundo Monte Alegre (2003), o convívio com alunos deficientes visuais permitiu a percepção das capacidades de superação de preconceitos e a representação da criança como um ser que tem características gerais de normalidade, de autonomia, de relações sociais satisfatórias, de virtudes cognitivas, curriculares, de desenho, de locomoção, verbais, do interesse pelo conhecimento e como merecedoras de uma projeção de futuro satisfatório.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo foi realizado no município de Alta Floresta-MT, os dados da pesquisa foram coletados na instituição CEEDA localizado no setor F, nº 275 no bairro.

Este artigo é do tipo descritivo e consiste em estudo de caso, que busca conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir. Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. O estudo de caso segundo Yin (2005), trata-se de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro de seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidos.

A amostragem foi realizada com um total de oito entrevistados, dentre eles cinco alunos, duas professoras e uma coordenadora. Os alunos escolhidos foram os que apresentavam deficiências visuais que frequentam a instituição, as professoras dos mesmos e a coordenadora do local. E o instrumento utilizado foi por meio de observações, entrevista e questionários, contendo oito perguntas abertas para os alunos, sete para professoras e cinco para a coordenadora. No dia 21 de fevereiro de 2017, foi realizada a observação em sala de aula no período vespertino e no dia 23 de fevereiro de 2017, foi aplicado os questionários para os alunos e no dia 02 de março de 2017, foi aplicado para as professoras e coordenadora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O CEEDA é uma instituição que surgiu em Alta Floresta no dia 29/11/1994 por um grupo de pessoas, iniciando seu funcionamento em 02/05/1995. Considerando-se tratar de uma população heterogênea de crianças com Deficiência Auditiva e que estas apresentavam diferentes problemas de adaptação escolar e que não estavam recebendo apoio educacional especializado, nasceu então a ideia, a luta e concretização do CEEDA. Após 6 meses criou-se

uma associação que seria a mantenedora da instituição à Associação de Apoio ao Portador de Deficiência Sensorial (AAPDS).

O Centro Educacional Especializado em Deficiência Auditiva vem atendendo desde o ano de 1995 no município de Alta Floresta MT e região, pessoas com Deficiência Auditiva e Visual, visando uma educação para a inclusão dos mesmos na sociedade, por meio de uma proposta Bilíngue: Língua Brasileira de Sinais Libras, Estruturação da Língua Portuguesa do Brasil e também o aprendizado do Sistema Braille.

O CEEDA oferece programas que visam às necessidades específicas do alunado portador de deficiência auditiva tais como: diagnóstico da surdez por meio de Avaliação Audiometria; encaminhamento e apoio a Adaptação de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI); trabalho e Educação Auditiva e Linguagem por meio da Metodologia oferecida pelo Método Perdoncini (1983), visando a aquisição de Estruturação da Língua Portuguesa; extensão de práticas pedagógicas diversificadas ao ensino comum, que garantem o sucesso da inclusão dos alunos com deficiência auditiva e favorecem consideravelmente as práticas de aula com os demais alunos ouvintes com diversos problemas de aprendizagem, enriquecendo e transformando o Projeto Político Pedagógico da Escola Regular de Ensino. Além destes programas, oferece os serviços de Atendimento Domiciliar quando solicitado, com apoio e orientação às famílias, atendimento *in loco* a Educação Infantil e Ensino Fundamental visando a prevenção, detecção, orientação e atendimento precoce aos alunos das creches, nível pré-escolar e ensino fundamental; oferece atendimento na área de Educação Auditiva e adaptação a aparelho auditivo aos adultos e grupo da 3ª idade com perda auditiva adquirida, garantindo-lhes melhor qualidade de vida.

A educação especial em sua ação transversal permeia todos os níveis de ensino, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Superior e também as demais modalidades, auxiliando assim no acesso e à permanência do aluno no ambiente escolar com êxito, assumindo a diversidade dos educandos, de modo a contemplar as suas necessidades e potencialidades. Uma vez que hoje, as teorias pedagógicas defendem o aluno como sujeito do processo de construção do seu conhecimento, é indispensável ajudar e provocar a inclusão da pessoa surda no ambiente escolar tendo como finalidade uma educação dentro de uma proposta bilíngue.

A instituição também oferece o serviço itinerante que é um trabalho de orientação e supervisão pedagógica, desenvolvido por professores especializados, que oferecem ajuda e apoio aos alunos, a seus professores e a seus familiares, deslocando-se periodicamente para as escolas regulares em qualquer nível de modalidade de ensino, onde haja alunos com

necessidades educacionais.

No decorrer de alguns anos de funcionamento do CEEDA e pelo trabalho que a equipe de itinerância vem desenvolvendo nas escolas de ensino regular, depara-se com pessoas com deficiência visual, apresentando diversos problemas de inadaptação escolar, surgindo assim a necessidade de um atendimento especializado, sensibilizando a comunidade para a problemática da deficiência visual, formas de prevenção, atendimento e inclusão social do aluno.

O trabalho do CEEDA com deficiências visuais tem como meta proporcionar à pessoa com deficiência visual e baixa visão a oportunidade de desenvolver-se no aspecto psicossocial, tornando-se um ser autônomo, participativo, com consciência de si mesmo; desenvolvimento de conceitos; discriminação tátil, auditiva, motricidades finas e amplas, acrescidas da discriminação para crianças com visão subnormal e cegas.

O CEEDA promove aos alunos atendimentos especializados nas salas de apoio, artes, atendimentos psicológicos e fonoaudiólogos, para que eles estejam preparados para serem incluídos e integrados com sucesso no sistema regular de ensino e no mercado de trabalho.

No ano de 2017, estão matriculados 12 alunos com deficiência visual. O quadro de recursos humanos do Centro Educacional Especializado em Deficiência Auditiva é mantido pela prefeitura e Estado (Convênio SEDUC), por meio de cedência dos profissionais sendo 01 diretora, 01 merendeira, 01 zeladora, 02 vigias noturnos, 01 motorista, 01 fonoaudióloga, 01 psicóloga e 07 professores. A escola funciona em regime de externato nos períodos matutino e vespertino.

O CEEDA atende vários programas na área de deficiência auditiva e visual:

- 06 salas de atendimento - Audiofonatório;
- 02 salas de atendimento - Libras;
- 02 Salas de atendimentos - Reeducação Auditiva e Visual;
- Ensino de Braille;
- Atendimentos Fonoaudiólogos e Psicológicos;
- Natação;
- Serviço de Itinerância;
- Orientação sobre surdez;
- Orientação sobre como detectar precocemente o Deficiente Auditivo;
- Orientação para professores da rede regular de ensino;
- São ofertados cursos, palestras e encontros aos profissionais da educação e aos pais dos alunos do CEEDA;

- Teste Educacional de Acuidade Auditiva;
- Inserção no Mercado de trabalho.

A Instituição está atendendo, no ano de 2017, o total de 117 alunos com deficiência Auditiva e Visual, sendo que a grande maioria é carente sem condições básicas para uma boa qualidade de vida. O objetivo geral da instituição é proporcionar o conhecimento pleno de suas capacidades e potencialidades afetivas e intelectuais, por meio de uma prática pedagógica bilíngue e do aprendizado do Sistema Braille, visando uma inclusão social da pessoa com deficiência auditiva e visual.

A instituição mantenedora Associação de Apoio ao Portador de Deficiência Sensorial é uma sociedade civil sem fins lucrativos, filantrópica, beneficente, de caráter assistencial, social, cultural e educacional. Tem por finalidade oferecer às pessoas com deficiência auditiva condições básicas para a sua educação e inserção na sociedade, por meio de apoio às atividades do CEEDA que funciona como um centro de atendimento ao deficiente auditivo e visual, oferecendo condições adequadas para que ele possa adquirir linguagem, utilizando sua audição e fala, trabalhando atividades que envolvam educação auditiva e de forma sistemática, lúdica e atividades vivenciadas, visando a estruturação da língua portuguesa falada no Brasil e o desenvolvimento psicomotor, social e afetivo dos mesmos, podendo assim atuar na sociedade como cidadão capaz de promover mudanças.

Os objetivos específicos da Associação de Apoio ao Portador de Deficiência Sensorial são:

- Dar condições de funcionamento o CEEDA e demais órgãos mantidos pela associação de atuarem na conquista de uma educação de qualidade no ensino comum e na habilitação e atendimento às pessoas com deficiência auditiva que necessitam de apoio especializado;
- Favorecer a inclusão social e a auto realização dos deficientes auditivos e visuais;
- Conscientizar a comunidade sobre os problemas e necessidades dos deficientes auditivos e visuais;
- Amparar e defender as aspirações coletivas que levam os deficientes auditivos e visuais a concretizar seus ideais;
- Promover e patrocinar, pelos meios de comunicação disponíveis, a divulgação das causas da deficiência auditiva e visual;
- Divulgar os programas de atendimento ofertados pelo CEEDA e por demais órgãos mantidos, visando atingir o maior número de pessoas interessadas ou que necessitam de atendimento especializado;
- Estimular a participação da campanha de prevenção da excepcionalidade;

- Manifestar-se sobre assuntos de interesses municipais, regionais ou nacionais relacionados as pessoas com deficiência;
- Desenvolver a cultura especializada e a formação de pessoas destinadas a trabalhar no campo de educação para deficientes auditivos e visuais;
- Pleitear junto aos poderes públicos competentes as medidas normativas e administrativas, visando aos interesses e necessidades dos deficientes auditivos e visuais.

A observação e a entrevista se deram na Instituição Centro Educacional Especializado em Deficiência Auditiva. O turno observado foi no período vespertino com duração de 4 horas, devido os alunos comparecerem na escola somente duas vezes por semana, na terça e na quinta-feira. Os mesmos serão identificados como alunos A, B, C, D e E para a preservação de sua identidade.

As aulas tiveram início exatamente às 13:00 horas. Os alunos entraram na sala e sentaram - se em volta da mesa com orientação das professoras regentes. Logo a professora encaminhou os alunos para a realização do flúor, os mesmos fizeram essa atividade separadamente, sendo primeiro as meninas e depois os meninos. Dos alunos observados com (DV) Deficiência Visual, apenas o aluno C se recusou a fazer o flúor com os demais, o mesmo disse que não precisava e que já fazia a escovação em casa. Logo foram encaminhados até a sala de aula, onde todos entraram e sentaram – se em volta da mesa com orientação da professora regente. A professora 1 entregou e começou a desenvolver as atividades com os mesmos juntamente com a professora 2. Os alunos A, B, D e E, desenvolveram as atividades propostas com êxito. Porém, o aluno C não realizou as atividades propostas pela professora. Em conversa com a professora, a mesma disse que geralmente o mesmo quase não faz, só quer pesquisar e escrever sobre frases bíblicas.

Todos os alunos estão alfabetizados e estão frequentando o CEEDA apenas como suporte e para a manutenção do conhecimento já adquirido. Na próxima atividade, o aluno C também não quis realizar as atividades propostas pela professora e quis escrever na máquina, onde o mesmo me perguntou se eu queria receber uma folha que ele escreveria com versos com meu nome. Percebeu-se também que o mesmo já está bem avançado na escrita e leitura, e gosta mesmo de escrever e ler o que escreveu e explicar.

Na próxima atividade, a professora 1 da sala distribuiu uma tira de cartolina com furinhos para trabalhar coordenação motora e as formas geométricas dos mesmos. Seu objetivo é desenvolver a habilidade, coordenação motora e suas percepções. Os alunos aceitaram a atividade e fizeram com êxito. Logo em seguida, distribuiu um círculo pontilhado para que os alunos pintassem dentro do círculo e depois cortassem. Logo após, a professora

entregou outra atividade de pintura e recortes, agora em forma de quadrado e triângulo para continuar desenvolvendo a percepção e coordenação motora. Em outro momento, a professora 2 entregou a eles o Alinhavo (atividades de barbante para passar dentro dos numerais). O intervalo se deu por volta das 14 h 30 min, momento em que todos os alunos saíram da sala e se dirigiram até o refeitório. Na hora do intervalo, os alunos sentaram - se nas mesas e foram servidos. Após o lanche, os alunos ficaram livres para andar e conversar. Os alunos se locomoveram sem nenhum problema pelos corredores. O aluno D ficou encostado na parede sozinho, até o momento em que a pesquisadora foi conversar com ele, quando o mesmo começou a contar um pouco sobre sua vida.

Em sequência, na sala de aula continuando a atividade de alinhavo, os alunos A, B, D e E realizaram com êxito, o aluno C estava concentrado pesquisando e digitando no computador. O aluno D estava lendo no livro Braille juntamente com a aluna A. Em seguida, a aluna B começou a leitura do livro Braille de receitas culinárias, somente o aluno C não a fez, lembrando que o mesmo só quer escrever e pesquisar sobre textos bíblicos.

A idade dos alunos varia entre 22 a 34 anos. O tempo em que estudam na instituição varia de 5 a 11 anos. Eles foram recebidos e acolhidos com carinho, amor, atenção e respeito. Os alunos responderam que os professores estavam preparados e capacitados para atendê-los e fazem de tudo para aprimorar os seus conhecimentos.

Sobre a ocorrência de familiares próximos com algum tipo de deficiência, dois dos alunos não têm, os outros dois tem avó, avô e irmã e o aluno D revelou que a família tem diabetes e o que preocupa, pois acaba afetando a visão se não tratada corretamente. Sobre como aconteceu a deficiência visual, o aluno A nasceu perfeitamente enxergando: “ Levava minha vida normal como as demais crianças”.

Estudou em escolas regulares e terminou o terceiro ano em 2005. Logo após, foi percebendo um leve embaraço nas vistas, quando procurou o oculista, ele deu o diagnóstico, já tinha dado perda quase total na visão, ficando apenas com 3% da visão no olho esquerdo e apenas 2% no olho direito. O aluno B nasceu enxergando normal, estudou e terminou o terceiro ano em 2007. No final do ano de 2010 deu início a faculdade de pedagogia, concluindo no ano de 2013. Quando completou 17 anos percebeu um leve embaçamento na visão, tropeçava muito, batia na parede, caía com mais facilidade. Sua mãe o levou ao oculista onde tive a triste notícia que estava perdendo a visão. Ainda faz acompanhamento até hoje, infelizmente o seu caso não tem reversão, somente colírios, operou também o olho direito por causa da catarata.

O aluno C, relata que vivia no mundo da perdição no ano de 2011. Em um

determinado momento, em uma festa, levou um tiro na cabeça vindo a ficar dias no hospital e com o fato veio a perder a visão. O aluno D nasceu com baixa visão e fazia acompanhamentos, pois ainda segundo os médicos ele poderia voltar a enxergar pouco, mas voltaria. O fato principal ocorreu no ano de 2007, segundo relato do mesmo sua família estava discutindo e no momento estava chovendo muito, meio desorientado pela discussão o mesmo saiu e foi para a escola e ao atravessar a rua um motoqueiro o atropelou e foragiu do local do acidente. Um amigo da família passava pelo local o socorreu e levou o mesmo até o hospital. Deu entrada e lá permaneceu por mais ou menos 2 ou 3 horas no máximo, retornando para sua casa. Até no presente momento sua visão estava no mesmo jeito.

O aluno D conta ainda que já havia feito dois transplantes, porém sem sucesso, e o mesmo se recusou de fazer mais transplantes. No ano 2009, teve perda total da visão.

Toda vez que minha mãe me levava ao médico para uma nova tentativa de transplante, eu sofria muito, pois a dor era tanto física quanto psicológica. Hoje eu não enxergo mais, mas sou feliz e realizado, faço faculdade de pedagogia, termino o ano que vem e sou feliz.

O aluno E já nasceu com deficiência, sua mãe teve toxoplasmose na gravidez e passou para o feto, sua perda de visão foi descoberta aos dois meses de vida. Passou por duas cirurgias, porém sem sucesso, o que a cirurgia conseguiu fazer é que o olho não ficasse parado. Mas isso não fez com que ele parasse, sempre estudou e com apoio da família concluiu o terceiro ano em 2014. Atualmente trabalha na TV Nativa como repórter.

A maioria não possui outro vínculo ligado à educação, mas pretende fazer faculdade, apenas um aluno possui vínculo com a faculdade cursando pedagogia. Os alunos relataram que a sociedade ainda está longe de incluir pessoas com deficiência visual, pois existem muitas pessoas egoístas que têm um olhar de pena e a desigualdade está muito presente no dia a dia dos deficientes.

No dia 02 de março de 2017, foram aplicados os questionários com as professoras e coordenadora. Primeiramente serão relatadas as entrevistas das professoras e logo após a da coordenadora do CEEDA. As professoras aqui entrevistadas terão seus nomes preservados, substituídos por professora A e professora B e a coordenadora letra C.

A professora A tem 59 anos, formada em Ciências Biológicas, com Especialização em Educação Especial e trabalha há 19 anos na Instituição e a professora B tem 35 anos, pedagoga, com Especialização em Psicopedagogia e Análise Clínica Hospitalares e trabalha na instituição há exatamente 6 anos.

Sobre a posição das professoras em relação à educação inclusiva, a primeira professora entrevistada disse:

Está difícil, pois existem formações, especializações, mas infelizmente dentro da
REFAF – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Alta Floresta – MT V.6,N.1 (2017)
<http://refaf.com.br/index.php/refaf/>

instituição, é complicado, ou seja, tem sala de recurso, porém fica somente lá (algumas escolas e/ou professores não os procuram), ou seja, quando esse aluno sai, vai pra sala de aula regular, o resultado não é mais mesmo esperado. Porém, é melhor essa inclusão que ainda não está dando bons resultados, do que a outra inclusão, onde os mesmos eram mantidos em escola fechada. Onde, muitas vezes, as escolas recusavam matrículas, professores desesperados com o novo. Essa inclusão ainda está deficiente, porém, estamos obtendo resultados maravilhosos. E sonhamos ainda com uma inclusão para todos com igualdade e acessibilidade e dignidade.

A segunda professora entrevistada menciona:

A sociedade evoluiu muito sobre a inclusão, claro que ainda falta muito para nos tornarmos uma sociedade inclusiva, porém muitas pessoas estão buscando conhecimentos, isso é importante. Além do material utilizado para trabalhar com o aluno com deficiência visual na instituição, as duas professoras trabalham com método audifonatório (reeducação auditiva), sons e linguagens, discriminação de objeto, sons e coordenação motora, temos computadores programa DOSVOX o que facilita e ajuda muito nossos trabalhos, máquinas de Braille, reglet, punção, computador, materiais pedagógicos e jogos.

Sobre a instituição oferecer materiais didáticos necessários para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, as duas professoras mencionaram que sim, porém como a Instituição CEEDA é mantida por meio de doações, nossos materiais antes eram confeccionados por nós mesmos, e alguns adquiridos através de rifas. Hoje a instituição oferece um rico material de apoio e suporte para que possamos trabalhar com os alunos, porém ainda faltam alguns materiais e quando não é possível nós professores confeccionamos nossos próprios materiais. Em relação ao relacionamento do aluno com deficiência visual com os demais colegas em sala de aula, elas disseram que é tranquilo em relação aos demais alunos.

A sociedade no ponto de vista dela está preparada para a inclusão, a primeira professora menciona:

Que aos poucos a sociedade está incluindo sim. Um exemplo dessa inclusão é que algumas empresas estão abrindo portas para os deficientes, o que os tornam ainda mais ativos e incluídos perante a sociedade. Por outro lado, há uma sociedade que infelizmente não vê o deficiente como membro de uma sociedade, por exemplo, não têm acessibilidades, atendentes preparados para recebê-los, cardápios em Braille etc.

A segunda professora relata: “A sociedade hoje está mais aberta para a aceitação do que se diz inclusão, mas ainda está muito longe de se tornar uma sociedade inclusiva, faltam mais empregos para os deficientes, acessibilidade e mais comprometimento”.

As respostas a seguir são do questionário aplicado para a coordenadora C do CEEDA tem 44 anos e tem um irmão com deficiência auditiva e visual na família. Ela é pedagoga tem Especialização em Interdisciplinaridade e Educação Especial. Na pergunta se a instituição estava /ou está preparada para receber esses alunos, ela disse que no começo tudo é difícil, porém conseguimos ir vencendo cada obstáculo que foram aparecendo. Lembrando que a instituição sobrevive de doações, rifas etc. Hoje há um material de apoio excelente e professores capacitados para atender nossos alunos, porém ainda falta muita coisa para ser

feita. Temos um terreno enorme vazio, não temos dinheiro e nem recursos, precisamos de uma quadra para praticar exercícios com os alunos, atividades como andar em linha reta, lateralidade, pois isso ajuda sua autoconfiança falta uma piscina adaptada para os mesmos. Como já foi dito, a instituição é mantida através de doações, porém essas doações não são suficientes.

A posição dela em relação a educação inclusiva é a seguinte: dizer que a sociedade não está aceitando ou se adaptando seria mentira. Hoje a sociedade está sim um "pouco" mais aceitável, porém está muito longe de ser uma sociedade inclusiva. Faltam atendentes capacitados para atendê-los, calçadas adaptadas, semáforos sonoros e um olhar mais rigoroso da parte dos órgãos competentes para com todos os deficientes. Trabalho nesse meio há muitos anos e percebo em cada palestra que é voltada para o deficiente, que os próprios organizadores que são deficientes não pensam na acessibilidade dos palestrantes. Um exemplo disso teve uma palestra para deficientes onde o professor que iria dar a palestra era um cadeirante, e não foi pensado na sua deficiência de como ele iria subir ao palco se ele era feito de escada de degrau? Tiveram que erguer o mesmo na cadeira de roda para que ele pudesse dar a palestra. Ou seja, o município está oferecendo palestras, todavia não são pensados nos deficientes. Ainda está faltando um bom conhecimento do que é inclusão, ou seja, não adianta elaborar palestras, fazer cartilhas, se você não se preocupa com a acessibilidade dos mesmos.

De acordo com os questionamentos apontados neste artigo sobre o dia a dia do aluno com deficiência, sua interação com professores e colegas, qualidade de trabalho oferecido pelos profissionais e sobre a educação inclusiva, vale ressaltar que de acordo com os resultados alcançados a autora Amiralian (1997), destaca perfeitamente de forma geral sobre todos, menciona que a inclusão não aborda somente pessoas com deficiência, envolvendo também grupos que se sentem prejudicados e excluídos dos benefícios da sociedade. E a escola tem a responsabilidade diferenciada de agir com as pessoas com deficiências, já que ali ela irá conviver com a maior diversidade de pessoas além da família. Seu papel e a mudança de suas atitudes são de suma importância em relação aos alunos com deficiência e como ele influencia todo o corpo da escola na aceitação ou não da diversidade que compõe uma comunidade verdadeiramente integrada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar é benéfica a toda sociedade, pois uma educação com diversidade

nos modelos de identificação pode colaborar para a formação de egos diferenciados e personalidades não predispostas ao preconceito. Para Adorno (1971-2006), a origem das configurações psíquicas propensas ao horror remonta a mais branda infância, de forma que, o quanto antes esclarecer às crianças, maiores as chances de que elas desenvolvam personalidades avessas a qualquer tipo de violência e que atuem no mundo pela desbarbarização da sociedade.

A saída para a desbarbarização da sociedade é, portanto, para a educação, para que ela não seja impotente e ideológica. Uma sociedade inclusiva é uma sociedade não preconceituosa, pois valoriza a diversidade e é, portanto, menos predisposta à violência. Entretanto, a forma como a sociedade está desestruturada, a mesma necessita de alguns elementos necessários para que a inclusão vigore.

De acordo com as entrevistas das professoras e coordenadora da instituição CEEDA, pode-se notar que atualmente a sociedade está sim, um pouco mais aceitável, porém ainda está muito longe de ser uma sociedade inclusiva, pois há falta de atendentes capacitados no mercado de trabalho para atendê-los, acessibilidade, semáforos sonoros e um olhar mais rigoroso da parte dos órgãos competentes com todos os deficientes. Pode-se perceber que os deficientes são vistos com um olhar de pena e as desigualdades estão presentes no dia a dia, certas pessoas egoístas ou sem conhecimentos vêm - nos de maneira em que esse cidadão não seja incluído como membro de uma sociedade.

Segundo as diretrizes nacionais para educação especial, os indivíduos com deficiências são vistos como doentes e incapazes, sempre estiveram em situação de maior desvantagem, ocupando no imaginário coletivo, a posição de alvos da caridade popular e da assistência social, e não sujeitos de direitos sociais, entre os quais se inclui à educação.

Com as pesquisas realizadas com os alunos da instituição CEEDA, observou-se que quanta à educação estão todos inseridos e até mesmo tem um aluno fazendo faculdade, os professores estão capacitados para melhor atendê-los sempre buscando métodos eficazes para que o aprendizado sejam de qualidade.

Durante o período de observação na instituição CEEDA, encontramos algumas dificuldades como, pois nos dias das observações nem todos os alunos estavam presentes, dificultando assim o andamento da pesquisa. O referido artigo estava proposto para durar uma semana entre observação e entrevista e acabou durando duas semanas. Porém conclui-se que em relação aos objetivos propostos neste artigo foram todos atingidos com êxito. Vale ressaltar que o artigo apresentado focou somente na Deficiência Visual na instituição CEEDA, porém poderia se estender nas escolas regulares, faculdades e local de trabalho.

VISUAL IMPAIRMENT: educational challenges for teachers and students of the institution Educational Center of Hearing Impairment (CEEDA)

ABSTRACT

This paper is intended to research the opinion of professionals of (CEEDA) Educational Center of Hearing Impairment about the inclusion of students with visual impairment. The research method was descriptive with case study, using techniques like observations, interviews and questionnaires to observe the opinions of the students, teachers and the coordinator of the CEEDA institution. It was possible to verify that the institution and its teachers are concerned with providing quality and egalitarian education to all students, seeking training in order to promote inclusive education. Through Perdoncini Method (1983) it is seeks to develop visual perception that occurs according to the individual needs of each student, and with Braille writing it is possible to promote the learning of oral and written language of the visually impaired student in classrooms of regular educational. Therefore, the search for training and diversified materials must be intense and dynamic for education to reach all, with equal quality.

Keywords: Braille. Special education. Teaching.

REFERENCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Compreendendo o cego**. São Paulo: Fapesp/Casa do Psicólogo, 1997.

BATISTA, Cecilia Guarnieri. **Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 21, n. 1, 2015. p. 7-15. Disponível em: <

BRASIL. Ministério da Educação Desporto e Cultura. 2004. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial**. Disponível em: <portaldomec.gov.br>. Acesso em: 17 de mar. 2017.

BRASIL. IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3. ed. 1993. Disponível em:<http://www.sei.ba.gov.br/norma_tabular/normas_apresentacao_tabular.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

BRASIL. **Lei n. 7.853 de 24 de outubro de 1989**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei7853.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

_____. **Constituição Federal (1988)**. Disponível em: <[http://www.diretoeleis.com.br/Predefini%C3%A7%C3%A3o:Rere%C3%A4ncia_bibliogr%C3%A1fica_\(Constitui%C3%A7%C3%A3o_Federal_de_1988\)](http://www.diretoeleis.com.br/Predefini%C3%A7%C3%A3o:Rere%C3%A4ncia_bibliogr%C3%A1fica_(Constitui%C3%A7%C3%A3o_Federal_de_1988))>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CÂNDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: Antônio Carlos Fester (Org). Direitos humanos e literatura. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FRANÇA, Junia Lessa et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 6.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. Disponível em: <<https://lucianabicalho.files.wordpress.com/2014/04/394272junia-lessa-46-2009-manual-normas-8-edicao-revista-miolo1.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva**: indagações e ações nas áreas da educação e da saúde. São Paulo: Avercamp, 2010.

MONTE A, P. A. C. (2003). **A cegueira e a visão do pensamento**. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06>>. Acesso em 17 jan. 2017.

RODRIGUES, Karina Gomes; BARNI, Edí Marise. **A utilização de recursos tecnológicos com alunos deficientes visuais no curso superior a distância de uma instituição de ensino de Curitiba-PR**. IV Congresso Nacional de Educação – Educere. PUCPR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3537_2058.pdf>. Acesso em: 7 set. 2016.

YIN, Robert Kin. **Estudo de caso planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.